

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

USTANE MERTIG MARTINS DO PRADO

A ESCOLA FRENTE À EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUA CONSOLIDAÇÃO A
PARTIR DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

MATINHOS
2011

USTANE MERTIG MARTINS DO PRADO

A ESCOLA FRENTE À EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUA CONSOLIDAÇÃO A
PARTIR DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

Trabalho apresentado ao Curso de
Especialização em Educação do Campo,
Setor Litoral, Universidade Federal do
Paraná, como requisito parcial à obtenção
do título de especialista.

Orientador: Rodrigo Mengarelli

MATINHOS
2011

“A ESCOLA FRENTE À EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUA CONSOLIDAÇÃO A PARTIR DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.”

Ustane Mertig Martins do Prado¹;
Rodrigo Mengarelli².

RESUMO

Através de um estudo sobre as localidades rurais e o cotidiano do homem do campo, a escola inicia à busca pela valorização da cultura do meio rural, a partir deste conhecimento a Educação do Campo é inserida nas escolas de forma a não ser simplesmente adaptada em Projetos Políticos Pedagógicos já inúmeras vezes reformulados sem discricionariedade, os quais acabam por perder parte da sua identidade.

As Diretrizes do Campo precisam ser apropriadas para que o seu conteúdo, forma e parâmetros específicos sejam respeitados a fim de proporcionar a estes alunos uma gestão pedagógica coerente com a sua realidade de vida, bem como é preciso um respeito ao elo existente entre a sua identidade e o seu local de moradia e trabalho.

Palavras-chave: interação, cultura, superação e comunidade.

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de XXX, e-mail:ustane_andre@hotmail.com.

² Educador Orientador, UFPR Litoral.

1. CONTEXTO

Nos documentos oficiais de educação no Brasil a população rural aparece apenas como um número, representada por dados abstratos e quantitativos. É necessário entender este descaso demográfico e as possibilidades de reverter esta realidade.

A vida no campo está inserida no modelo capitalista de nosso país, este tipo de economia é excludente, desigual e aumentou o número de latifundiários. No plano das relações sociais é nítida a dominação do urbano sobre o rural, por outro lado de acordo com dados já revelados em 1996, com o Censo Demográfico, foi possível constatar que 25% da população que vive no campo trabalha na cidade e 25% da população do campo mora na cidade. Desta forma surgiu uma discussão sobre a relação entre o urbano e o rural e sobre as possibilidades de reversão deste panorama social.

A migração campo-cidade leva muitos cientistas a concluir que o rural já não tem significado histórico e o meio de vida agrário poderá se extinguir, o pequeno produtor que sobrevivia com base na agricultura familiar, foi totalmente abandonado pelas políticas públicas.

Toda esta problemática tende a dificultar a implantação e adaptação da Educação do Campo como um todo. É necessário primeiramente que seja construída uma nova visão do espaço do campo, como citado a seguir:

“O campo nesse sentido, mais que um perímetro não urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana”.
(Parecer, p.1)

O campo não é só um lugar de produção agropecuária, agroindustrial ou do latifúndio, mas sim onde pessoas trabalham, moram e estudam com dignidade tendo a certeza de que tem o seu lugar, mostrando a todos que possuem uma identidade cultural. A visão de um campo esvaziado pelo êxodo rural e pela monocultura não combina com a educação do campo.

“...a partir de uma visão idealizada das condições materiais de existência na cidade e de uma visão particular do processo de urbanização, alguns

estudiosos consideram que a especificidade do campo constitui uma realidade provisória que tende a desaparecer, em tempos próximos, face ao inexorável processo de urbanização que deverá homogeneizar o espaço nacional. Também as políticas educacionais, ao tratarem o urbano como parâmetro e o rural como adaptação reforçam essa concepção. (Parecer, p.2)

No intuito de resistir e superar essa concepção surge a Educação Básica do Campo que além de estabelecer diretrizes pedagógicas passa a ser uma condição fundamental para o exercício da cidadania da população rural.

O objetivo da Educação do Campo é educar o povo do campo, para que se organizem e assumam a direção de seu destino.

Conforme (CALDART 2002), trata-se de uma educação *dos* e não *para* os sujeitos do campo. Feita sim através de políticas públicas, mas construídas com os próprios sujeitos dos direitos que as exigem. A afirmação deste traço que vem desenhando nossa identidade é especialmente importante se levamos em conta que na história do Brasil, toda vez que houve alguma sinalização de política educacional ou de projeto pedagógico específico isto foi feito *para o meio rural* e muito poucas vezes *com os* ou ainda menos *pelos sujeitos do campo*. Além de não reconhecer o povo do campo como sujeito da política e da pedagogia, sucessivos governos tentaram sujeitá-lo a um tipo de educação domesticadora e atrelada a modelos econômicos perversos.

Não é necessário que apenas se proponham modelos pedagógicos prontos para essas escolas e sim que sejam construídas referências para essas mudanças, para que as mesmas possam acontecer de forma que todos os sujeitos possam participar desta reflexão, contribuindo para a formação de um senso comum.

A escola e os educadores precisam aprender a adequar suas exigências às possibilidades e necessidades dos alunos, os mesmos devem ter oportunidades de poder mostrar sua cultura e entenderem a sua importância. Como mediador o professor tem papel importante, pois sua prática deve estar voltada a esses princípios estudar, resgatar e valorizar o aluno do campo, através de metodologias diferenciadas, disseminando a vida e cultura do povo do campo, seus valores, suas dificuldades e principalmente o lado bom de viver no campo.

Esta interação entre professor e aluno, exige que o educador tenha a visão da sua práxis ampliada para que o conteúdo seja conduzido juntamente com um

resgate histórico da vida dos alunos e com isto proporcionar uma reflexão que dimensione e determine a relação destes moradores do campo com a sociedade atual.

Conforme ARROYO (2004), devemos repensar sobre nossas ações pedagógicas juntamente com o corpo docente da escola, a nossa contribuição deve ser concretizada com o envolvimento de todos, através do planejamento, sistematização do tempo, instrumentos culturais, experiências escolares, estratégias envolvendo os alunos a buscar novos conhecimentos, ou seja, aprender a aprender.

A visão da sociedade perante o homem do campo ainda é muito distorcida, como bem descreve Ilma Ferreira Machado: “O campo não é um conglomerado de pessoas “incultas” isoladas do mundo urbano e “desenvolvido”. O campo é habitado por seres humanos com sentimentos, histórias de vida e saberes gestados no trabalho agrícola e no convívio social com seus semelhantes; com valores e cultura que entrelaçam presente, passado e futuro.”

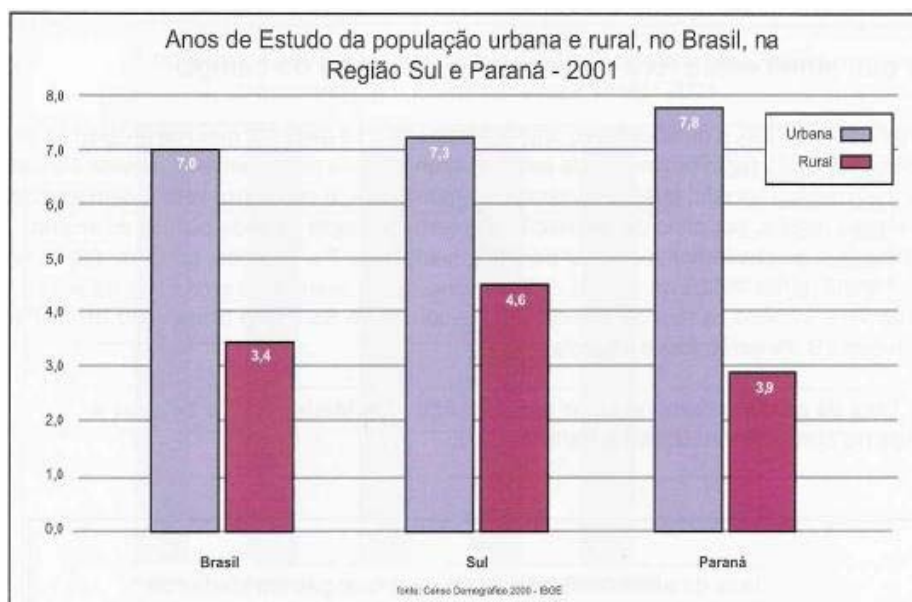
A equipe pedagógica deve promover uma conscientização dos professores e alunos envolvidos, quanto à importância do que ensinar, o que aprender, o ensino aprendizagem deve ser baseado numa pedagogia da inclusão, socialização, troca de experiências, troca de conhecimentos culturais vivenciados pelos alunos, de uma forma que todos tenham oportunidade de participar. Estimular a participação de todos os professores e alunos, motivar a organização dos conteúdos e a especificidade do nosso tempo dentro do planejamento.

Para VEIGA (2004), pensar o Projeto Político Pedagógico de uma escola é pensar a escola no conjunto e a sua função social. Se essa reflexão a respeito da escola for realizada de forma participativa por todos os envolvidos, certamente possibilitará a construção de um projeto de escola consistente e possível.

Segundo CALDART (2002) alguns aspectos do trabalho específicos da escola merecem destaque:

- socialização;
- construção de uma visão de mundo;
- cultivo de identidades;
- auto-estima;
- memória e resistência cultural;
- militância social.

O gráfico abaixo indica uma preocupante diferença de número de anos estudos entre a população urbana e rural no Brasil, Região Sul e Paraná.



O próximo gráfico revela um grande problema quanto ao acesso na Educação Infantil e no Ensino Médio. Os dados mostram que do total de estabelecimentos, se localizam no campo 9,12% na Educação Infantil (geralmente só pré-escola), 26,40% no Ensino Fundamental (mais intensamente de 1a a 4a série) e 4,36% no Ensino Médio.



2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

No ano de 2009, um plano de ação foi traçado com o intuito de promover e disseminar as Diretrizes da Educação do Campo para toda a comunidade escolar, bem como dar início a implantação e adaptação das mesmas no nosso Projeto Político Pedagógico. Em Janeiro de 2010, a Equipe Pedagógica do Colégio Estadual Dr. Arnaldo Busatto – Foz do Iguaçu, durante o curso de capacitação convidou os professores a conhecerem, abstrair experiências e realizar debates não somente com os alunos e sim direta e indiretamente com toda a comunidade escolar.



Colégio Estadual Dr. Arnaldo Busatto

A Educação do Campo necessita ser repensada e até mesmo incorporada por todos os sujeitos da escola, desta forma inicia-se uma reflexão de como realizar esta interação e ao mesmo tempo o desejo de que alunos, professores, equipe pedagógica e direção participassem juntos deste projeto.

Os professores assumiram também um compromisso de trabalhar este tema paralelamente e de forma a adaptá-lo ao seu planejamento anual, sendo que todos foram orientados sobre o que era esperado com a efetivação do projeto.

O Colégio Estadual Dr. Arnaldo Busatto é uma escola considerada de grande porte, com mais de dois mil e novecentos alunos, distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno, com vinte e duas turmas. No Ensino de Jovens e Adultos (EJA), a maioria desses alunos moram em áreas rurais distantes da escola, são elas: Alto da Boa Vista, Lote Grande, Aparecidinha, Gleba Guarani, Santa Rita e a região da Praia de Três Lagoas.

Alguns desses bairros chegam a ficar a cerca de doze quilômetros da escola e por isso é necessário que os mesmos façam uso do transporte escolar para conseguirem chegar ao colégio.

Após a apresentação do nosso projeto primeiramente aos professores das disciplinas de Sociologia, Filosofia e Língua Portuguesa e no desenrolar do projeto também houve a inserção de outras disciplinas são elas: Artes, Geografia, História e até mesmo Matemática, e assim tendo a participação de praticamente todas as disciplinas idealizou-se o projeto com os alunos do período noturno.

Apresentamos o projeto aos alunos e esclarecemos qual era a nossa participação, bem como o que nós esperávamos que eles apresentassem com os conteúdos que seriam estudados ao longo do processo.

Durante o mês de Abril de 2010, tiveram início as apresentações em sala de aula, seminários e os debates sobre o tema, fizeram acompanhamento e contribuimos também com o diálogo em sala de aula, na qual assistimos apresentações com fotos e entrevistas com os líderes do assentamento e da vila rural existem no bairro Alto da Boa Vista, bem com fotos com a produção agrícola da região.

No mês de Maio de 2010, para que houvesse uma maior divulgação dos trabalhos e interação dos alunos, realizamos a “Semana Cultural do Povo do Campo”, com apresentações diferenciadas todas as noites.

- 1ª noite: Palestra com a Secretaria Municipal da Agricultura na qual o professor Mario Manoel Laurindo fez um resgate histórico da cidade de Foz do Iguaçu, enfatizando a nossa região e o seu desenvolvimento rural e urbano.

- 2ª noite: Exposição de artesanatos das localidades rurais dos clubes de mães.

- 3ª noite: Exposição de artesanato e apresentação de um oleiro, na qual o mesmo ensinou os alunos a manusear a máquina.

- 4ª noite: Exposição de artesanatos e apresentação da Banda Municipal com músicas que retratam a vida no campo.

- 5º noite: Neste encerramento houve Roda de viola feita por moradores do bairro Lote Grande e apresentação cultural do CTG – Charrua, com grupos de dança folclórica.

3. CONSIDERAÇÕES

As práticas pedagógicas desenvolvidas com a “Semana Cultural do Povo do Campo” proporcionaram o envolvimento de toda a comunidade escolar o que desencadeou em uma reflexão e um entendimento de quem são os nossos alunos do campo, a mesma a foi incluída no Projeto Político Pedagógico da escola compondo as ações didático-pedagógicas do ano letivo.

Nos cursos de capacitação realizados semestralmente na escola a Equipe Pedagógica e a Direção estão cientes da sua função de orientar e conscientizar novos e antigos docentes sobre o perfil da comunidade, bem como disponibilizar tempo e deslocamento se necessário, para que estes possam repensar a sua práxis.

A Equipe Pedagógica deve continuamente lembrar o professor que ele possui o privilégio de poder conhecer seus alunos, de forma intensa e particular, no seu dia a dia em sala de aula.

A “Semana Cultural do Povo do Campo” é apenas um dos esforços necessários para que toda a comunidade escolar esteja integrada, ou seja, não é somente nesta semana que iremos valorizar e respeitar a cultura do outro, não importando se ele é do campo ou cidade, isso é um processo diário.

A colaboração de diversos sujeitos participantes ativamente ou não do ambiente escolar, promoveu a formação de novos conceitos, a descoberta do homem do campo com um sujeito capaz de valorizar seus costumes, ampliar seus conhecimentos e participar ativamente de mudanças sociais, pedagógicas e até mesmo estruturais da escola.

A especificidade da Educação do Campo, seus limites e avanços exigem que os sistemas de ensino, as escolas, os professores assumam a tarefa de revisar o seu papel na efetivação de políticas públicas para o campo que ainda existem de forma precária.

Uma reflexão e entendimento sobre a dinâmica do campo através de estudos como o senso do IBGE e estatística que podem ser realizadas pelos próprios alunos podem complementar para as experiências e as contribuições que os movimentos sociais trazem para repensar a qualidade de vida no meio rural, da educação do campo e das políticas públicas necessárias.

A inserção contextualizada de novas diretrizes aprimora a estrutura do Projeto Político Pedagógico de forma que as práticas pedagógicas as quais os educadores se esforçam para conduzir propostas que identifique a escola como espaço de exercício da cidadania, cumprindo sua tarefa de construção/veiculação de conhecimentos em processos de equidade social, pois nem sempre é possível superar a dicotomia entre as dimensões política e pedagógica.

O Projeto Político Pedagógico da referida escola foi contextualizado de forma a socializar conhecimento e contribuir para o enriquecimento cultural, através de uma construção coletiva de referências, debates sobre que espécies de metodologias que são mais necessárias ao sujeito do campo e quais saberes podem construir novas relações entre a cidade e o campo. O homem do campo encontra seu lugar na sociedade descobre ser possuidor de direitos e que tem o poder e dever lutar por eles, tanto no seu cotidiano de trabalho como no ambiente escolar.

4. REFERÊNCIAS

- ARROYO, M.G. **Imagens Quebradas** – Petrópolis – Editora Vozes, 2004
- CALDART, R.S. **Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção**. Caderno 04 (Articulação Nacional “Por uma educação do Campo”). Brasília – UNB, 2002.
- Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo**. CNE/MEC. Brasília, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª edição – Rio de Janeiro – Editora: Paz e Terra, 1987.
- VEIGA. **Educação Básica e Superior, PPP** – Campinas-Sp – Editora: Papirus, 2004.
- MACHADO, Ilma F. - **Um projeto político-pedagógico para a escola do campo**
Cadernos de Pesquisa – Disponível em: http://www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/pdfs/cad_pesq8/11_projeto_politico_cp8.pdf. Acesso em: 25/01/2011.
- ARROYO, M.G., CALDART, R.S. e MOLINA, M.C. – **Por uma educação do campo** - 3ª edição – Petrópolis - Editora Vozes, 2008.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) – Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/> - Acesso em: 30/04/2011.